

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO DISPARADORA DE SENTIDOS: ARTICULAÇÕES ENTRE ARTE, SUBJETIVIDADE E PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA

AESTHETIC EXPERIENCE AS A TRIGGER OF SENSES: ARTICULATIONS BETWEEN ART, SUBJECTIVITY AND CONTEMPORARY PSYCHOLOGY

DOI: <https://doi.org/10.29327/2739169.1.1-13>

Recebido: 30/04/2025

Aceito para publicação: 06/10/2025

Deborah Bianca Lima de Farias

Graduanda em Psicologia

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco

<https://orcid.org/0009-0003-4077-1440>

São Luís – Maranhão, Brasil

deborahblfarias@gmail.com

RESUMO

Introdução: A arte, ao longo da história, tem se mostrado uma forma privilegiada de expressão humana, capaz de mobilizar afetos, provocar reflexões e favorecer processos de subjetivação. O presente artigo destaca a arte na psicologia em sua dimensão existencialmente integradora em afetar o sujeito: o ser, estar e o agir. **Relato de experiência:** Apresenta-se uma experiência da autora durante a visita ao Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, com ênfase na obra “O Olho da Noite”, do artista Jean Michel Othoniel, considerando a potência da experiência estética como provocadora de processos subjetivos, sendo relacionadas às teorias do psicólogo Vygotsky. **Discussão:** Discute-se o papel da arte como ferramenta humanizadora no campo da Psicologia, especialmente no desenvolvimento da imaginação, da consciência e da ressignificação da realidade, a fim de promover uma melhor vivência no indivíduo. **Conclusão:** Conclui-se que a obra, ao gerar momentos de reflexão e introspecção, demonstra como a arte pode ser uma poderosa ferramenta simbólica, facilitando o acesso ao mundo interior e destacando sua importância no desenvolvimento subjetivo e nas abordagens psicológicas.

Palavras-chave: Arte, Experiências, Museu Oscar Niemeyer, Psicologia.

ABSTRACT

Introduction: Art, throughout history, has proven to be a privileged form of human expression, capable of mobilizing emotions, provoking reflections, and fostering processes of subjectivation. This article highlights art in psychology in its existentially integrative dimension of affecting the subject: being and acting. **Experience report:** This article presents an experience the author had during a visit to the Oscar Niemeyer Museum in Curitiba, emphasizing the work "The Eye of the Night" by artist Jean Michel Othoniel, considering the power of aesthetic

experience as a catalyst for subjective processes, relating it to the theories of psychologist Vygotsky. Discussion: This article discusses the role of art as a humanizing tool in the field of Psychology, especially in the development of imagination, consciousness, and the redefinition of reality, in order to promote a better individual experience. Conclusion: It is concluded that the work, by generating moments of reflection and introspection, demonstrates how can art be a powerful symbolic tool, facilitating access to the inner world and highlighting its importance in subjective development and psychological approaches.

Keywords: Art, Experiences, Oscar Niemeyer Museum, Psychology.

1. INTRODUÇÃO

A arte tem sido há muitos anos uma forma de expressão do homem e registro de seus caminhos, tendo a criação artística como objeto de estudo por várias áreas do conhecimento, e a psicologia é uma das que mais contribui nesse campo. Além de tentar entender o lado subjetivo das obras de arte, a psicologia também vê na arte um espaço privilegiado da sensibilidade humana, que muitas vezes revela conhecimentos sobre o ser humano antes mesmo que a ciência os comprove.

A apreciação de uma obra de arte tem o potencial de alterar a intensidade emocional de quem a experiencia, modificando a frequência e a expressão dos sentimentos, abrindo espaço para sua ressignificação e transformação. Entender esse processo possibilita o acesso às razões que fundamentam as ações e pensamentos do indivíduo, permitindo intervenções que busquem promover mudanças na forma como ele vivencia a realidade presente.

Entre abordar a arte, a memória, o museu, o vivenciamento do presente, a construção da imaginação e a psicologia, alguns autores contornam uma questão teórica mais geral que envolve o artigo: quais as teorias construídas através do psiquismo por meio da arte? Então, no tópico seguinte, depara-se com estudos de grandes nomes na psicologia que envolvem este tema, levando em consideração o que uma obra de arte no museu, a memória e o impacto desses levam na constituição do mito da cidade modelo de Curitiba para turistas, além das narrativas atuais emitidas pelo Museu Oscar Niemeyer.

É essa a perspectiva e pressuposto assumidos neste artigo, em que se apresentam algumas experiências pessoais no MON, sendo intrinsecamente relacionado com o caráter promissor da Psicologia da Arte: ao mesmo tempo em que ajuda o sujeito a entender e reinterpretar sua realidade, também alimenta a imaginação, abrindo caminho para o surgimento

de experiências criativas que contribuem para o seu amadurecimento e para a construção de projetos de vida.

Tendo por base os trabalhos supracitados, foram utilizadas como fontes de informação, bases de dados eletrônicas consideradas como referência dentro da área das ciências humanas: PePSIC e SciELO.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

A arte, para mim, é um lugar onde o indivíduo sente-se livre para expressar suas emoções, contextos sociais no qual está inserido, dentre outras vivências. Como estudante de psicologia, entendo que, conforme Dugnani, Reis e Sousa (2018), a arte tem o poder de nos tornar mais humanos e de tocar profundamente quem a vivencia. Quando usada no trabalho do psicólogo, ela ajuda a pessoa a desenvolver formas mais ricas de sentir, pensar, se expressar e se relacionar com o mundo.

Recentemente, entre os dias 24 e 27 de março, estive em Curitiba, capital do Paraná, estado situado no sul do Brasil. Ali, tive a oportunidade de visitar o Museu Oscar Niemeyer, que nas considerações de Vaz (2016), é historicamente um deslumbrante museu pós-moderno, cuja visitação adquire sentido a partir da relação afetiva que o público estabelece com o município. Sendo considerado ícone da arquitetura contemporânea e símbolo da força do design brasileiro, a experiência no “Museu do Olho” – termo como é popularmente conhecido pela população curitibana devido à sua estrutura imponente e futurista - foi, para mim, mais do que uma imersão cultural: foi uma jornada de reflexão, além do conhecimento de diferentes pessoas dos mais diversos estados do Brasil.

Antes mesmo de entrar no museu, fui tomada pela maravilhosa sensação de apreciação da arquitetura de Niemeyer: curvas ousadas - formando “o olho” -, espaços amplos e a sensação quase surreal de estar em um lugar onde arte e estrutura física conversam de forma íntima. Foi uma espécie de diálogo interno com a arquitetura. Nesse aspecto, consoante Barreto (2020), o MON abriu suas portas com um acervo artístico pronto e carregado de uma identidade marcada pelos suportes da arte amplamente conhecidas (pintura, escultura, gravura, desenho), e por uma arte produzida no Paraná com data delimitada. Ao entrar, admirando de todas as exposições presentes criadas por artistas que advém das mais diferentes culturas, a que realmente me chamou a atenção foi a obra internacional “O Olho da Noite”, do artista francês Jean-Michel Othoniel.

A função estética abarca muito mais do que o mundo da arte. A função estética abrange a totalidade da atividade humana. Sendo assim, a “autofinalidade da arte” é dirigir-se a si própria (Trevisan, 1990). À vista disso, estando ali parada em frente àquela obra, fui contemplada por uma incrível sensação de encantamento: com tijolos de vidro em lindos tons diferentes de azuis, lembrei-me das estrelas e das constelações. Da multiplicidade do universo. Nesse aspecto, para Vygotsky (1999), “a contemplação é um processo ativo”:

Trata-se do momento em que o psiquismo entra em uma espécie de “curto-circuito” e, por consequência, inicia uma intensa atividade. O estado de contemplação revela uma ação que tem em sua base um esforço empreendido pelo sujeito para ressignificar as emoções e pensamentos (que até então não tinham sido nele despertados) a partir da contradição que emergiu pela apreciação estética. Nesse processo, a emoção passa a se servir da imaginação, para representar, em imagens, os afetos, sendo portanto vivida duas vezes, e por isso chamada de coemoção. A coemoção é o elo primordial entre a imaginação e a emoção, porque permite ao sujeito ampliar suas vivências. Ao entrar em contato com as narrativas das obras de arte, o seu repertório se amplia, porque pode experimentar algo para além de sua vida vivida, no âmbito do humano-genérico.” (VIGOTSKI, 1999)

A utilização do vidro nas obras de Othoniel é considerada sua característica emblemática. Esse tipo de ferramenta utilizado em “O Olho da Noite” me lembrou a transparência, limpidez e leveza: algumas características constantes que a arte é capaz de recordar. Senti-me bem envolvida por aquele belo olho silencioso que tudo parecia ver. Perguntei-me sobre o que realmente enxergamos quando olhamos para fora — e o quanto evitamos olhar para dentro, pela multiplicidade de versões que cada um carrega. Sob o viés dos autores Dugnani, Reis e Sousa (2018), o núcleo organizador das relações que se constroem e se mantêm nestes espaços faz com que a arte favoreça as ressignificações dos sujeitos sobre seu papel nas diferentes interações de que tomam parte e sobre suas condições de vida atual e futura.

Saí do museu com uma sensação de leveza misturada à deslumbramento. Aquela experiência não terminou ali — ela reverbera até hoje em meus pensamentos cotidianos, como uma espécie de lembrete que a arte tem esse poder: o de nos transportar para dentro de nós mesmos e de que o mundo vai muito além do que se vê. Como futura psicóloga, reconheço que a sensibilidade despertada por experiências artísticas como essa pode e deve ser incorporada às práticas da psicologia, favorecendo o cuidado integral, o reconhecimento das potências humanas e a construção de sentidos mais amplos sobre a existência.

3. DISCUSSÃO

À luz de Rocha e Rodrigues (2024), existe uma grande quantidade de estudos científicos que exploram a relação entre arte e psicologia, mostrando claramente que os recursos artísticos podem enriquecer bastante a atuação psicológica. No entanto, ainda são poucos os relatos que tratam especificamente da experiência de criação artística dentro desse contexto.

Há muitas referências que ligam a arte aos diferentes ramos da psicologia. Seja no atendimento clínico, em contextos sociais ou na educação, a arte serve como ferramenta para superar limitações na linguagem e tornar mais fácil a construção e a expressão de sentidos, algo que seria bem mais difícil sem a liberdade característica da expressão artística.

Salientando Vygotsky, “A arte é o social em nós” (1999, p. 315). De acordo com Trevisan (1993), a arte é um processo criador, sendo este processo duplo de elucidação interior e, também, um processo epidérmico, na medida em que implica uma alegria quase infantil de invenção, como quando as crianças brincam em um parque e deparam-se com “amoras e framboesas que as fascinam”. Dessa maneira, o que as pessoas geralmente chamam de inspiração é, na verdade, uma sensação agradável de agitação mental ou emocional.

Dando continuidade aos estudos de Vygotsky, o mesmo afirma que a arte atua como ponte entre o mundo interno e o externo: ela expressa aquilo que está dentro do sujeito, transformando sentimentos e pensamentos em formas visíveis, e, ao mesmo tempo, permite que aquilo que está fora influencie e transforme o que se passa no interior da pessoa — em um movimento contínuo de troca e transformação mútua.

Tal teoria é corretamente compatível com a tese principal do livro “Psicologia da Arte”, que é “o reconhecimento da superação do material da forma artística ou, o que dá no mesmo, o reconhecimento da arte como técnica social do sentimento” (Vygotsky, 1999). Trabalhar a forma para modificar um material envolve um tipo de abstração que gera um novo modo de pensar, algo concreto e transformado. O aspecto inovador disso é que esse processo só acontece com o envolvimento do “pensamento emocional”. Assim, há um movimento em zigue-zague: sai-se da realidade imediata para reestruturá-la de outro jeito. Essa saída exige uma reflexão sobre os sentimentos e emoções, pois, como explicado em outro texto, o nível de desenvolvimento dos conceitos está diretamente ligado à transformação dos afetos — ou seja, da vivência emocional e da ação concreta em pensamento dinâmico.

Há uma ampliação da consciência quando fala-se de Arte e Psicologia, que é compreendida por Spinoza (1989) como o desenvolvimento de modos ativos e criativos de o sujeito se relacionar com a realidade, ao envolvimento ativo das pessoas na criação de mudanças, ao reconhecimento de suas capacidades e limitações, e à ação consciente de se entender e se integrar ao coletivo como forma de ganhar força para transformar suas próprias condições de vida. Em essência, é sobre mobilizar os afetos para gerar potência de ação.

Seve (2018), aponta que o ciclo da imaginação começa com a expressão externa da experiência vivida: aquilo que a pessoa viveu ou aprendeu (seja como vivência emocional ou como conhecimento prático) é transformado em algo visível ou comunicável, como desenhos, encenações, textos ou obras de arte. Esses produtos criativos, mesmo sendo externos, atuam de volta sobre o sujeito — são absorvidos internamente e modificam a forma como ele compreende e sente sua própria experiência. Isso amplia e ressignifica suas vivências, abrindo novas possibilidades de imaginar e pensar. Esse movimento mostra claramente a dinâmica dialética entre o interior e o exterior: o que é interno se torna externo, e o que é externo retorna para dentro do sujeito, transformando-o. A vivência artística é precisamente o que liga exterior e interior.

Conforme Ulpiano Bezerra de Meneses (2013), a respeito do alcance social do museu com seu acervo e o público, o autor afirma que o museu é o espaço de ampliação das significações e funções da sociedade, lugar ativo de construção de memória. Em concordância, Oliveira (2010), faz relação semelhante. Para o autor, os museus devem, com suas coleções, buscar elementos significativos da identidade em uma arena de negociação entre memórias coletivas e individuais, pois assim há um processo de seletividade.

4. CONCLUSÃO

A visita ao Museu Oscar Niemeyer possibilitou não apenas o contato com expressivas manifestações artísticas, mas também a vivência de processos subjetivos de ressignificação. Essa experiência está em consonância com as proposições de Vygotsky (1999), que destaca o papel ativo da contemplação estética na reorganização das emoções e pensamentos. Ao se deparar com a arte, o sujeito é convidado a entrar em contato com suas emoções, promovendo uma compreensão mais profunda de si mesmo e do mundo.

O que se pretende evidenciar, ao recorrer a essas referências teóricas, é que a experiência artística — especialmente quando compreendida a partir da Psicologia da Arte

como instrumento psicológico — pode ampliar o poder de agir dos indivíduos. Isso ocorre justamente por seu potencial de evocar emoções, favorecer sua elaboração e permitir o acesso à dimensão do humano-genérico. Para tanto, é fundamental que o sujeito se engaje no mundo artístico como apreciador, permitindo-se ser afetado pelas obras e experienciar os “respiros” que elas oferecem frente à rotina da vida cotidiana. Tais momentos proporcionam um olhar mais profundo, capaz de enxergar além da superfície do visível.

Os dados subjetivos observados a partir dos relatos indicam que o contato com a arte em espaços institucionais, como os museus, pode funcionar como um disparador de processos de ressignificação pessoal, ampliando o campo simbólico do sujeito. Isso reforça a hipótese de que a arte, integrada à prática psicológica ou vivenciada em contextos significativos, pode atuar como instrumento humanizador e promotor do desenvolvimento subjetivo. Assim, destaca-se a importância de valorizar a dimensão estética na formação e atuação do psicólogo, especialmente no que diz respeito à escuta sensível e à ampliação do repertório simbólico dos indivíduos.

Nesse contexto, a atuação do psicólogo pode se beneficiar significativamente da incorporação de experiências artísticas — seja em contextos clínicos, educacionais ou comunitários — como estratégia para acessar aspectos da subjetividade que muitas vezes não se expressam por meio da linguagem verbal. A arte oferece uma via de acesso aos conteúdos internos de forma não invasiva, abrindo espaço para a reorganização da vivência emocional e a ampliação da percepção de si mesmo e do mundo.

Por fim, ressalta-se que o contato do estudante ou profissional com manifestações culturais e artísticas enriquece sua formação ética e estética, promovendo uma atuação mais empática, crítica e comprometida com a complexidade da experiência humana. Desse modo, recomenda-se que a formação em Psicologia inclua vivências estéticas e artísticas, reconhecendo sua potência transformadora e seu papel fundamental na constituição do humano.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, K. M. **O que abriga: a formação do acervo de arte do Museu Oscar Niemeyer**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- DUGNANI, Lilian Aparecida Cruz; REIS, Elaine de Cássia Gonçalves; SOUSA, Vera Lúcia Trevisan. Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. **Estudos de Psicologia**, v. 35, n. 4, p. 339-350, out./dez. 2018.
- MENESES, U. B. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 57-68.
- OLIVEIRA, Emerson D. G. **Museus de fora: a visibilidade dos acervos de arte contemporânea no Brasil**. Porto Alegre: Zouk, 2010.
- ROCHA, Nara Maria Forte Diogo; RODRIGUES, Benedito. A palavra que liberta: experiência com poesia no trabalho do psicólogo educacional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 28, e255415, 2024.
- SEVE, L. **Où est Marx dans l'œuvre et la pensée de Vygotski?** Comunicação apresentada ao 7º Symposium International Vygotskij. Genebra, jun. 2018. Disponível em: https://www.unige.ch/SIV2018/files/8715/2836/1372/Seve_2018_Vygotski-Marx.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.
- SPINOZA, B. **Ética**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Originalmente publicado em 1677).
- TREVISAN, A. **Como apreciar a arte**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- TREVISAN, A. **Reflexões sobre a poesia**. Porto Alegre: InPress, 1993.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Originalmente publicado em 1925).